

PODER

Doações milionárias à campanha de Tarcísio

Preso na segunda fase da Compliance Zero, pastor Fabiano Zettel foi o maior financiador individual na eleição de 2022, mas governador nega vínculo pessoal

» DANANDRA ROCHA
» IAGO MAC CORD

O utro ponto que chama a atenção é a atuação política do entorno de Daniel Vorcaro. Fabiano Campos Zettel foi o principal doador individual das campanhas eleitorais de Tarcísio de Freitas (Republicanos) e de Jair Bolsonaro (PL) em 2022. De acordo com dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ele doou R\$ 2 milhões à campanha vencedora ao governo de São Paulo e R\$ 3 milhões à tentativa frustrada de reeleição do então presidente da República. Os valores só ficam abaixo das quantias repassadas pelos próprios partidos por meio do fundo eleitoral.

Zettel, que é casado com Natália Vorcaro, irmã do banqueiro dono do Master, foi detido pelos agentes da PF, na madrugada de ontem, quando tentava embarcar para Dubai.

Procurada pelo **Correio**, a assessoria do governador Tarcísio de Freitas afirmou, em nota, que a campanha contou com mais de 600 doadores e foi conduzida em conformidade com a legislação eleitoral. Segundo o comunicado, o governador não manteve vínculo com o doador citado nem tinha conhecimento prévio de condutas alheias à campanha, ressaltando que as contas foram aprovadas pela Justiça Eleitoral.

CPI municipal

No campo político, o caso também começa a gerar desdobramentos. A Câmara Municipal de São Paulo pode instaurar uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) para apurar irregularidades relacionadas ao Banco Master. O requerimento foi protocolado pela vereadora Amanda Vettorazzo (União-SP),



O pastor evangélico Fabiano Zettel foi preso pela PF em Guarulhos, quando tentava embarcar para Dubai



A Câmara Municipal tem o dever de investigar fatos graves que podem ter afetado diretamente a cidade de São Paulo. Os indícios são escandalosos e exigem uma resposta à altura"

Amanda Vettorazzo (União), vereadora de São Paulo

que defende a investigação de eventuais impactos do escândalo financeiro sobre investidores, clientes e a ordem econômica da capital paulista.

Segundo a parlamentar, há indícios relevantes de interesse público que justificam a abertura da investigação parlamentar. "A Câmara Municipal tem o dever de investigar

fatos graves que podem ter afetado diretamente a cidade de São Paulo, assegurando transparência, responsabilização e a defesa do interesse público. Os indícios são escandalosos e exigem uma resposta à altura", afirmou. O pedido prevê a convocação de testemunhas, requisição de documentos e a elaboração de um relatório com encaminhamentos aos órgãos competentes.

Paralelamente, o Movimento Brasil Livre (MBL) convocou manifestações para 22 de janeiro. Segundo a assessoria do grupo, o ato tem como objetivo expressar a insatisfação da sociedade diante do caso e exigir apuração rigorosa das irregularidades.

Operação Compliance Zero

MPF pede à PF investigação sobre operações irregulares do Banco Master

BC veta compra do Master pelo BRB

- Ministro Dias Toffoli define competência do STF no caso Master e decreta sigilo sobre as investigações
- Ministro Jhonatan de Jesus, do TCU, anuncia inspeção no BC para verificar legalidade da liquidação do Master

2024

Mar/25

Set/25

Nov/25

Dez/25

Jan/25

BRB anuncia a intenção de comprar o Banco Master por R\$ 2 bilhões

- PF deflagra 1ª fase da Operação Compliance Zero
- **7 pessoas presas**, incluindo o dono do Master, Daniel Vorcaro
- **R\$ 230 milhões** em bens apreendidos
- BC decreta liquidação extrajudicial do Banco Master
- TCU reconhece competência do BC para liquidar o Banco Master
- PF deflagra 2ª fase da Operação Compliance Zero
- STF bloqueia R\$ 5,7 bilhões do patrimônio dos investigados

Galípolo se reúne com diretor-geral da PF

Com foco na segunda fase da Operação Compliance Zero, deflagrada ontem, o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo (E), e o diretor-geral da Polícia Federal (PF), Andrei Rodrigues, se reuniram no começo da noite, na sede da corporação, em Brasília. Na reunião, que durou cerca de uma hora, foram discutidos os desdobramentos dessa investigação, que envolve possíveis fraudes do Banco Master. "Em agenda institucional, as autoridades reafirmaram a importância da cooperação e da integração entre as instituições, fortalecendo o diálogo e a atuação conjunta em temas estratégicos de interesse do Estado brasileiro", postou a PF em seu perfil oficial na rede social X. Em novembro, o diretor-geral da PF chegou a elogiar a cooperação com o Banco Central, ao afirmar que a operação que envolve o Master só avançou "graças à cooperação e à integração" com a autoridade monetária. "O presidente Galípolo tem feito um trabalho muito intenso de controle, de fiscalização, uma grande parceria com a Polícia Federal", declarou, à época, Rodrigues, em entrevista à Band. O presidente do Banco Central deixou a sede da PF sem falar com a imprensa.

Policia Federal/Divulgação



NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

luizacedo.df@dabr.com.br

maurenilton



Lula é resiliente e Flávio inviabiliza articulação da terceira via

A pesquisa Genial/Quaest divulgada ontem consolidou o que, meses atrás, parecia apenas um ruído de pré-campanha: Flávio Bolsonaro (PL) tornou-se o principal nome da oposição no primeiro turno das eleições de 2026. Não é apenas um crescimento linear nas intenções de voto. Na verdade, trata-se de um rearranjo do campo adversário ao governo, no qual o bolsonarismo deixa de ser apenas uma memória eleitoral e volta a operar como centro de gravidade político, capaz de organizar o voto antipetista e, ao mesmo tempo, comprimir a direita não bolsonarista.

O paradoxo é que Flávio se fortalece como líder da oposição, mas é o adversário ideal para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, porque um Bolsonaro "raiz" no segundo turno permitiria a Lula reativar o conflito que lhe é mais favorável: o da defesa do campo democrático contra a promessa de restauração autoritária. Os números da pesquisa revelam um movimento além da oscilação circunstancial. Lula lidera todos os cenários estimulados de primeiro turno, com patamar entre 35% e 40%. Flávio aparece como segundo colocado: 23% no cenário com Tarcísio e outros nomes e 26% sem o governador de São Paulo. Houve um mecanismo de substituição da dispersão oposicionista por um funil. A direita volta a se organizar em torno de um polo identificável. E o efeito colateral dessa concentração é o esvaziamento do discurso da chamada "terceira via", que passa a parecer menos uma alternativa real de poder e mais uma hipótese retórica contra a polarização.

O caso de Tarcísio de Freitas (Republicanos) é revelador. Em simulações onde Flávio não aparece, Tarcísio chega a 27%, o que confirma a tese de que seria o adversário mais competitivo contra Lula em um segundo turno. Mas quem consegue se viabilizar como candidato de verdade sem ser atropelado antes é Flávio. Tarcísio tornou-se coadjuvante na disputa presidencial, condenado à condição de "melhor candidato", porém, inviável.

A Quaest captou isso quando mostrou o avanço da crença pública de que Flávio irá até o fim: passou de 49% para 54% o percentual de brasileiros que acreditam que ele será candidato até o final da campanha. Entre bolsonaristas, essa convicção chega a 83%; na direita, 75%. Ou seja: não é apenas intenção de voto, mas pertencimento orgânico à base eleitoral.

A consolidação de Flávio está em curso: sua taxa de rejeição caiu de 60% para 55%, enquanto a de Lula permaneceu em 54%. O bolsonarismo segue com alta resistência fora do seu campo raiz, mas a direita "não militante" não o vê como adversário. Na direita não bolsonarista, Flávio já aparece com quase 50% das intenções, superando Tarcísio (16%) e Ratinho (10%) num cenário com todos. O voto da direita busca um candidato com essa identidade.

Sombra de futuro

Em segundo turno, Lula vence todos os adversários, mas com margens variadas: contra Tarcísio, a vantagem é de 5 pontos; contra Flávio ou Ratinho, 7; contra Caiado, 11; contra Zema, 15; contra outros nomes, ainda mais. O dado mais sensível é a tendência. A distância entre Lula e Tarcísio diminuiu de 10 pontos (45 x 35) para 5 pontos (44 x 39), mas o governador paulista não tem apoio de Bolsonaro para ser candidato.

É aqui que voltamos ao conceito de "sombra de futuro", formulado por Robert Axelrod e usado por Richard Dawkins para compreender a engrenagem da oposição. A sombra de futuro é a percepção sobre a duração do jogo e sobre as recompensas futuras da cooperação. Quando a sombra é longa, vale sustentar alianças frágeis: ninguém rompe, ninguém precipita um conflito, todos esperam o momento "certo". Quando a sombra encurta, a cooperação se desfaz, porque o incentivo passa a ser capturar o máximo de espaço no menor tempo possível.

Durante o governo Lula, a estratégia da direita foi "viver e deixar viver" ao redor de Jair Bolsonaro. Mesmo inelegível, ele é capaz de arbitrar candidaturas, transferir votos, manter coeso o PL e conservar a chama ideológica acesa. Isso alongava a sombra de futuro: Tarcísio podia adiar decisões, Ratinho podia flertar com o Planalto e com o Senado, Caiado podia manter a pré-candidatura como instrumento de pressão e Zema podia alimentar o discurso antissistema sem se comprometer com a viabilidade.

Com Flávio consolidado, a lógica muda. A sombra de futuro do clã Bolsonaro se torna mais curta e, por isso, mais agressiva: é preciso ocupar o espaço agora, antes que a direita encontre outro polo. Flávio funciona como o mecanismo de retenção do espólio do pai, e os números indicam que esse mecanismo em ação: 73% dos bolsonaristas dizem que votarão no candidato indicado por Bolsonaro e mais 20% considerariam essa hipótese. Somados, são 93%. É a fotografia de uma transferência bem-sucedida. O herdeiro é o guardião do patrimônio eleitoral.

Para Lula, essa configuração é um alívio estratégico e um problema de governo. Alívio porque reforça a polarização com um antagonista que mobiliza medo em parte do eleitorado: 46% dizem temer a volta da família Bolsonaro ao poder, contra 40% que temem a continuidade de Lula. Isso é uma vantagem simbólica. Mas é um problema porque o governo ainda não conseguiu produzir uma sensação positiva de continuidade: a aprovação está estável, em empate técnico (47% aprovam; 49% desaprovam); a avaliação segue negativa (39% ruim/péssimo; 32% ótimo/bom; 27% regular); e 56% acham que Lula não merece mais um mandato. Ou seja: Lula lidera, mas não encanta. Vence, mas não empolga. O petista é mais defensivo do que afirmativo.